

NOTAS SOBRE A PRIMEIRA NOVELA DE CAMILO, *A ÚLTIMA VITÓRIA DE UM CONQUISTADOR*

André Mori

Júlio Dias da Costa, compilador de cinco volumes que acolhem vários escritos de Camilo Castelo Branco¹, aponta *A Última Vitória de um Conquistador* como o mais antigo romance desse escritor. Lançado em oito folhetins no *Ecco Popular*, entre os dias 29 de março e 12 de abril de 1848, a pequena novela mostra caracterizações de personagens, temas e procedimentos narrativos recorrentes na fase mais produtiva do romancista de Ceide. O objetivo deste texto restringe-se a indicar alguns dos aspectos de *A Última Vitória...* que serão utilizados no período da *maturidade*² do autor de *Anátema*. Por fim, lançaremos uma proposta de análise das novelas iniciais tomando como contraponto alguns romances da década de 60.

Em 1848, Camilo estava com pouco mais de vinte anos. A idade, no entanto, não serviria como barreira para que o futuro romancista deixasse de acumular experiências das mais diversas. Jacinto do Prado Coelho, em uma análise sobre as primeiras tentativas literárias desse autor, afirma que

Camilo já possuía um bom cabedal de experiência íntima: casara, em 41, com Joaquina Pereira; freqüentara o meio boêmio do Porto entre 43 e 45, encontrara

¹ DIAS DA COSTA, Júlio. *Dispersos de Camilo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929 (5º vol).

² Entendo que a obra camiliana passa por um período de maior efervescência e produtividade. O sucesso de crítica e público de *Amor de Perdição*, no início da década de 60, marca o reconhecimento do trabalho do escritor. Tais atribuições, que coincidem com a divulgação do caso entre Camilo e Ana Plácido, ratificam o próprio exercício da escrita como condição para o aperfeiçoamento no tratamento dos temas. O termo *maturidade*, portanto, diz respeito à fase em que o romancista já apresenta o seu estilo plenamente definido.

Patrícia Emília, que foi sua amante. Em 46, vivera alguns meses em Coimbra e passara pela Cadeia da Relação do Porto.³

Tal vida, repleta de lances tipicamente folhetinescos ou, por quê não, *camilianos*, formaria material para que o lado de escritor afluísse – fato que se concretiza no *Ecco Popular* sob o título de *A Última Vitória de um Conquistador*. A história, bem ao gosto da época, narra a desilusão e infortúnio de uma personagem moldada na tradição dos conquistadores frios, insensíveis. Augusto, habituado a colecionar aventuras amorosas, encontra Josefina num baile em 1844. Sedutor, o protagonista interessa-se pela inocente moça e parte para o galanteio: “Eis aqui a mão, que susteria o braço de um homicida, e por ventura, com um leve aceno, seria capaz de trazer um anjo à terra!”⁴. Com essas palavras, a personagem central inicia uma abordagem que culminará, ironicamente, em fim trágico. A garantia do amor à primeira vista é comprovada num pequeno bilhete, escrito pelo conquistador e depositado no colo da jovem na saída do baile.

Josefina, primeiro nome entre os vários que irão compor o elenco dos tipos femininos camilianos, sente-se atraída pelas palavras contidas na breve carta. A promessa de uma união futura percorre a imaginação da donzela. Mas o sonho se desfaz, pois obrigam-na a se casar com Anastácio, um endinheirado estudante de seminário. O articulador do casamento é José de Abreu, pai de Josefina. Motivado pelos baixos rendimentos - seu trabalho reduz-se ao encargo de funcionário público - o responsável pelo *contrato* inaugura o conjunto das personagens gananciosas que percorrem o universo ficcional do romancista de Ceide.

³ COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Lisboa: Imprensa Nacional p.145.

⁴ DIAS DA COSTA. *Dispersos de Camilo*. p. 2

O amor de Anastácio não serve a Augusto como entrave para uma aproximação. Pelo contrário. Experiente no jogo da sedução, o galanteador concretiza seus desejos ao subir para o quarto da *amada* com o auxílio de uma escada – cena que será retomada em romances como *A Mulher Fatal*. O prazer da posse, tratado com humor pelo foco narrativo na afirmação “melhor é experimentá-lo, que julgá-lo; mas julgue-o quem não pode experimentá-lo”⁵, rapidamente dá lugar ao enfado, um tema que, como veremos mais adiante, persiste nos romances de Camilo. No desfecho, o jovem sedutor, calculista e sórdido, recebe uma carta de sua vítima. O tom é de desespero, de angústia. No escrito, Josefina esclarece sua intenção mais íntima: o suicídio. Desesperado, Augusto adoece progressivamente. Sua morte é anunciada logo depois, num artigo do *Nacional*.

No que diz respeito à análise do romance, já notamos aqui a presença de características que irão compor certos tipos das produções mais conhecidas do autor. José de Abreu prefigura o modelo dos pais de família contrários ao enlace das personagens centrais. Faz-se necessário, sob tal aspecto, diferenciar dois modos distintos de caracterização. Como bem observa Oscar Lopes⁶, o conflito entre o amor romântico – considerado como uma ameaça à regrada vida burguesa – e a sociedade pode assumir dois lados na obra camiliana. São eles:

os obstáculos ligados aos preconceitos nobiliárquicos, às questões de linhagem ou de habilitação de patrimônio vinculado; e os obstáculos que se relacionam com a propriedade capitalista, sobretudo a já brasonada pelo constitucionalismo monárquico⁷

⁵ DIAS DA COSTA. *Dispersos de Camilo*. p. 14

⁶ LOPES. *A busca de sentido*. Lisboa: Caminho, 1994.

⁷ DIAS DA COSTA. *Dispersos de Camilo*. p. 43

Em *A Última Vitória...*, o pai de Josefina planeja o casamento por interesse financeiro. Age devido a uma motivação que se diferencia da manutenção da honra familiar, como seria o caso, por exemplo, do Marquês de Montezelos dos *Mistérios de Lisboa*. Essa diferença mostra-se relevante na medida em que localiza a produção de Camilo num momento de mudança dos valores em Portugal: a sociedade que se estrutura pelos desígnios da nobreza vê-se, aos poucos, instigada a eleger o dinheiro como instrumento de poder.

Outra personagem que merece atenção é Anastácio. Grosseiro, rude e portador de uma fala que serve de alvo ao deboche de Augusto, o noivo de Josefina anuncia o que futuramente será o Eleutério do *Amor de Salvação* – ou o conjunto de *brasileiros* da ficção camiliana. Por vezes torpes, por vezes ingênuas, tais personagens constituir-se-ão como objeto para o olhar sarcástico do autor. A esse respeito, a relação entre a obra e alguns dados biográficos⁸ de Camilo revela questões interessantes.

Parece-nos inegável o desprezo do referido escritor pela figura do *brasileiro*- um estereótipo descrito em muitos romances portugueses do século XIX sob a imagem grotesca de personagens cujo único interesse é o enriquecimento. No que toca à perspectiva do autor de *Anátema*, o processo de depreciação vincula-se, em certa medida, à presença de um *brasileiro* da vida real: Pinheiro Alves. Oliveira, em artigo sobre os *brasileiros* nos romances camilianos, assinala que “o primeiro marido de Ana Plácido foi um molde a

⁸ Estudiosos da obra de Camilo, como Alberto Pimentel e Jacinto do Prado Coelho, atribuem uma forte tendência biográfica na prosa desse romancista. É nosso propósito dialogar com tais autores de modo a perceber o jogo entre realidade e ficção que perpassa o universo camiliano.

partir do qual Camilo construiu a imagem do *brasileiro* como geralmente apareceu em sua obra”⁹.

Sem dúvida, a relação entre a biografia e a prosa *confessional* assegura-nos de que a visão do escritor acerca dos boçais e milionários enriquecidos na colônia não é das mais favoráveis. Devemos, contudo, enfatizar que a publicação da novela em análise data, como já foi dito, de 1848. O encontro entre Ana Plácido e Camilo só aconteceria em 1850, sendo que a relação entre os dois ganharia espaço nos jornais no final dessa década. Podemos, por conseguinte, ressaltar a presença de rivais grotescos e endinheirados, imagem comumente associada aos *brasileiros*, num tempo anterior à entrada de Pinheiro Alves no jogo biográfico da ficção de Camilo.

O tema da novela salienta o drama entre a mediocridade da vida burguesa e os ímpetos do gênio romântico. Logo no início, o narrador profere uma sentença que servirá como vaticínio ao desprezo de Augusto por Josefina: “O homem era muito terminante para não economisar os instantes que lhe fugiam na presença de sua divindade d’hoje – da sua mulher – amanhã – e da sua aborrecida , depois”¹⁰. Ora, o tédio que se sucede à estabilidade numa relação é tema dos mais recorrentes em Camilo. Tomemos como exemplo *Coração, Cabeça e Estômago*, em que a vida pacata de Silvestre da Silva, após tantas decepções amorosas, expõe-se de maneira ridicularizada ao leitor. Ou então *Amor de Salvação*, que, no quarto capítulo, evidencia as angústias de um desafortunado narrador:

⁹ OLIVEIRA, Paulo Motta. *Nótulas acerca do Brasil em dois romances camilianos*. n°33/34 p. 99-111, jan/dez 1999.

¹⁰ DIAS DA COSTA *Dispersos de Camilo*. p. 3

Os meus vinte volumes, e o meu tinteiro de ferro, estão hoje sob o teto gasalhoso duma alma que eu noutras eras encontrei na minha. Não sei há que séculos isto foi, nem que congérie de abismos nos separam para sempre¹¹.

No trecho, *ficção* transforma-se em *confissão*. De um lamento - lamento pelo passado que não mais retorna, lamento pelo abismo que separa um antigo amor, convertido em tédio – extraímos, mais uma vez, o julgamento negativo sobre a forma convencional do casamento burguês. Aos que se estabelecem comodamente em meio às convenções, nada resta além de uma existência medíocre. Espíritos como os de Josefina e Augusto – esta, uma donzela disposta a pagar com a própria vida um amor que desafie a ordem vigente; aquele, um frio conquistador para quem o casamento nada vale – confirmam o pendor romântico como fonte de temas para o desenvolvimento do enredo.

Os procedimentos narrativos, por sua vez, evidenciam traços que encontramos nos romances mais conhecidos de Camilo. O diálogo com o leitor ao longo da narrativa, marca que Garrett instaura na literatura portuguesa, serve como um importante recurso. Há ainda transcrição de cartas, supostamente escritas por Augusto e Josefina, e encontros do narrador com algumas das personagens. Em certo momento, o trecho “não posso negar-me a fazer um papel de comparsa neste romance. Por um desses últimos dias, encontrei Augusto na loja de uma luveira (...)”¹² assegura-nos de que os fatos narrados se sucederam tal como conta o autor da história. Logo na abertura, a veracidade do “ocorrido” é autenticada “com

¹¹ CASTELO BRANO. *Amor de Salvação*. São Paulo: Scipione, 1994, p.21

¹² DIAS DA COSTA. *Dispersos de Camilo*, p. 21

a mão sobre o evangelho”¹³. Percebe-se, assim, a tendência de um narrador que, tanto na novela em foco como em outras, tentará se colocar como cronista.

Vale notar que em *A Última Vitória* ... o delineamento de um perfil assumido pelo narrador não acontece tão marcadamente como em outros romances. De fato, o caso de amor que eleva Camilo à fama é posterior à escritura da primeira novela. Poder-se-ia, conseqüentemente, enfatizar que, à medida em que o autor de *Amor de Salvação* tem sua vida exposta nos jornais devido à reclusão na Cadeia da Relação do Porto, maiores são as referências à sua auto-imagem. Nas primeiras tentativas literárias, poucas são as indicações de um narrador que se assume como Camilo Castelo Branco. Sobre o encontro do casal, observa-se a confissão: “é fato, porém, que ela e ele, desde esse momento, se ficaram entendendo melhor do que me entendo às vezes”¹⁴. A respeito de suas convicções, opina o narrador: “Eu tenho consultado a mulher perdida nas últimas torpezas da prostituição, e choro no íntimo da minha alma quando lhe ouço os lábios corruptos falarem dum tempo de inocência”¹⁵. São esses os únicos trechos em que se desvela uma imagem do narrador.

A análise desse pequeno texto em contraponto com outras novelas da década de 60 – momento em que se estabelece o auge da produção do autor de *Memórias do Cárcere* – traz aos leitores uma questão instigante. Trata-se do conflito entre os protagonistas e a sociedade. Augusto, apesar de calculista e conquistador, é composto por um “gênio superior” que o exclui de “certas fórmulas sociaes”¹⁶. Josefina, cujas descrições limitam-se

¹³ Idem, p. 1

¹⁴ Idem, p. 3

¹⁵ Idem, p. 17

¹⁶ Idem, p. 1

a defini-la como “primor de criação”, desafia, como já foi dito, as obrigações de um casamento por interesse.

O fim trágico (adoecimento progressivo e morte) não significa apenas um recurso melodramático voltado para os leitores de folhetim. O desfecho indica um autor que talvez ainda não vislumbre saída para os *gênios* ou paixões transcendentais. Em outras novelas, o que se observa, porém, é uma adequação dos protagonistas ao mundo burguês. Calisto Elói, da *Queda d’um anjo*, e Silvestre da Silva, de *Coração, Cabeça e Estômago*, cada um a sua maneira, têm uma mesma trajetória de “encaixe” ao padrão social, previsível e anti-romântico, da burguesia. A perspectiva de Camilo sugere a transformação risível dessas personagens. Contudo, passa-se a admitir existência de protagonistas capazes de se estabelecer em meio aos convencionalismos da sociedade do século XIX; protagonistas que se afirmam independentemente do ponto de vista do autor.

Como conclusão, afirmamos a importância de um estudo mais detalhado das novelas iniciais de Camilo Castelo Branco. No caso de *A Última Vitória de um Conquistador*, objeto que este trabalho se propôs a analisar, já percebemos a presença de tipos, temas e procedimentos narrativos que marcarão o estilo desse escritor. Não obstante, há um nítido contraste entre as primeiras tentativas e as obras geradas na década de 60, reconhecidas pela crítica como o que há de mais representativo na obra do romancista. Nos tempos de maior produtividade, Camilo assumirá um perfil definido, uma máscara nítida, consruída sob a imagem de um ser penitente e sofredor. Além disso, conceberá personagens cuja trajetória será adaptada ao jogo de convenções sociais – tendendo a uma visão menos moralista aos *seres de papel* que elabora.

Bibliografia

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Salvação*. São Paulo: Scipione, 1994

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2001.

DIAS DA COSTA, Júlio. *Dispersos de Camilo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929 (5º vol).

LOPES, Oscar. Claro escuro camiliano. *A busca de sentido*. Lisboa: Caminho, 1994.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Nótulas acerca do Brasil em dois romances camilianos*. nº33/34 p. 99-111, jan/dez 1999.